

Fantasia do Milênio: O Futuro do Gênero no Século XXI¹

RESUMO

Joan Wallach Scott
E-mail: jws@ias.edu
Institute for Advanced Study,
Princeton, Nova Jersey, Estados Unidos
da América

Tradutora:
Flavia Costa Cohim Silva
E-mail: flavia.cohim@gmail.com
Universidade Federal da Bahia,
Salvador, Bahia, Brasil

O gênero ainda é “uma categoria útil” de análise? O artigo sugere que pode ter perdido seu propósito crítico. O gênero não apenas se tornou uma forma banal de caracterizar a diferença entre os sexos, mas também tem impedido as feministas de atender às sérias questões colocadas por novas pesquisas biológicas e psicológicas. A autora não sugere que apaguemos o gênero e as noções úteis associadas a ele do nosso vocabulário, o que constitui não apenas uma tarefa impossível, mas que nega a flexibilidade e a mobilidade da linguagem e seu papel crucial como agência de mudança. Em vez disso, o artigo argumenta que as feministas precisam seguir em frente, buscando novas palavras e novos conceitos, ou talvez redistribuições e reformulações de ideias existentes.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Feminismo. Biologia evolucionista. Construção social. Diferença sexual.

Na virada do século passado, quando vozes proféticas levantaram preocupações sobre o futuro, um tema frequente foram as relações entre os sexos. Algumas pessoas se preocuparam que as hierarquias convencionais se inverteriam: a "mulher no topo" emergiria da santidade de seu lar para comandar exércitos, exercer práticas jurídicas ou presidir parlamentos, deixando os homens para cuidar das crianças e remendar as roupas. Outras, de forma mais otimista - ou talvez mais desesperada, à medida que a guerra pairava no horizonte - projetaram o reinado do princípio feminino em uma era de cooperação, harmonia e paz duradoura. Ainda outras imaginavam um mundo sem sexo, em que a reprodução seria tratada "cientificamente", e o prazer se tornaria um caso totalmente cerebral. Então, e só então, eles/as² acreditavam, a igualdade entre mulheres e homens seria possível. A própria variedade dessas fantasias sugere que os momentos históricos compartilhados não geram, necessariamente, opiniões compartilhadas. E a sua qualidade intensamente destilada contrasta fortemente com o que sabemos ser a complexidade e confusão da experiência social e política. Isso só deve nos advertir sobre dar muita credibilidade às previsões milenares, as nossas próprias assim como as dos/as nossos/as contemporâneos/as. A história sempre parece exceder quaisquer estruturas explicativas que tentamos impor sobre ela.

Tendo reconhecido o valor profético limitado das fantasias milenares, devo, no entanto, admitir que eu tenho uma – um cenário de pesadelo, no qual o determinismo biológico retorna para regular o gênero. Gênero, evidentemente, é exatamente o termo inventado para resistir à redução das relações sociais às diferenças físicas sexuais. Houve um momento, não há muito tempo, quando as feministas pensavam que "gênero" seria uma barreira invencível contra a biologia. A distinção sexo/gênero separaria analiticamente o corpo físico do corpo social; não seria mais concebível que a anatomia fosse destino. Gayle Rubin, escrevendo o artigo clássico sobre o sistema de sexo/gênero, permitiu-se sonhar com a eliminação de sexualidades obrigatórias e papéis sexuais. "O sonho que eu acho mais atraente é uma sociedade andrógina e sem gênero (embora não sem sexo), na qual a anatomia sexual de alguém é irrelevante para quem este alguém é, o que esta pessoa faz, e com quem faz amor"³.

No meu pesadelo, o "gênero" é revelado como a Linha Maginot⁴ do feminismo, impotente para impedir o retorno do tipo de raciocínio que levou o biólogo escocês Patrick Geddes a alertar àqueles/as que se manifestavam pelo sufrágio feminino na década de 1880 sobre a inutilidade de sua missão. Geddes insistiu que um duplo padrão de metabolismo celular representava as diferenças entre os sexos: "a célula ativa e com fome se torna esperma flagelado, enquanto aquela quiescente, bem alimentada, torna-se um óvulo". A partir disso, seguiu-se que "o que foi decidido entre os protozoários pré-históricos não seria anulado por um ato do parlamento"⁵. Embora já não questionando o direito das mulheres de votar ou, inclusive, participar de atividades públicas e profissionais, hoje existe uma forte corrente de opinião científica que, como Geddes, estende as teorias da evolução biológica ao domínio social/político. Conhecidos como sociobiólogos/as na década de 1970, os/as "psicólogos/as evolucionistas" de hoje deduzem conclusões sobre diferenças universais de comportamento e caráter emocional entre homens e mulheres a partir de suas diferentes funções reprodutivas. Evidentemente, a ciência é muito mais sofisticada que a ciência de Geddes, e os genes substituíram as células como a unidade fundamental da transmissão de traços hereditários. Mas o argumento soa perturbadoramente familiar para

qualquer um/a que leu os pronunciamentos do século XIX: Homens procuram semear sua semente amplamente, diz-se, para assegurar sua transmissão genética, enquanto as mulheres são mais seletivas e mais "relacionais" ou "associativas" por conta do investimento de tempo e energia necessário para dar à luz e nutrir uma criança. Uma vez que, afirma-se em seguida, essas adaptações evolutivas asseguraram a sobrevivência humana, podemos inferir delas "a forma básica que sentimos umas/uns sobre os/as outros/as, o tipo básico de coisas que pensamos uns/umas sobre os/as outros/as e que dizemos uns/umas para os/as outros/as..."⁶. Eu ouvi psicólogos/as evolucionistas estenderem o seu raciocínio sobre a reprodução ao comportamento de crianças de cinco anos em playgrounds (meninos lutam, meninas criam laços) e aos padrões de conversação intelectual entre estudantes universitários/as (os homens se exibem para mulheres, as mulheres criam grupos entre elas). O New York Times publicou uma história recentemente sobre a pesquisa de dois cientistas que argumentam que o estupro não é sobre violência e poder, mas sobre a procriação, impulsionada por interesses masculinos de adaptação⁷. Um livro recente anuncia sua "visão evolucionista das mulheres no trabalho", atribuindo o teto de vidro e outras desigualdades de gênero nos mercados de trabalho contemporâneos a "diferenças evoluídas entre os sexos"⁸. Existem mulheres que se auto descrevem como feministas que celebram o potencial político da inclinação a se relacionar e da sociabilidade geneticamente motivada das mulheres⁹. E mesmo um crítico tão forte da psicologia evolucionista como Steven J. Gould admitiu que "os diferentes requisitos darwinianos para homens e mulheres implicam comportamentos adaptativos distintos" que "provavelmente [...] subjazem algumas propensões emocionais diferentes, e amplamente gerais, de humanos machos e fêmeas"¹⁰, ao mesmo tempo em que advertiu contra uma aplicação muito rígida dessas ideias a toda a atividade cultural humana. Um exemplo mais próximo, para mim, é a edição especial mais recente da revista História e Teoria, dedicada a "O Retorno da Ciência: Ideias e História Evolucionista". Ela contém oito artigos, a maioria dos quais falam efusivamente (com um entusiasmo remanescente da breve volta à história quantitativa na década de 1970) sobre a possibilidade de alcançar, através de um casamento de biologia e história, não apenas uma "ciência da natureza humana", mas - esse sonho fantástico do cientista como Deus - uma "unidade do conhecimento". Em uma frase cuja interpretação deixarei para psicanalistas, o editor do volume assinala que "a ciência está pressionando a história"¹¹. E um dos contribuintes conclui seu ensaio com uma frase que combina desejos e profecias de forma mais impressionante: "A Darwinização de estudos históricos seria uma mudança de paradigma de magnitude copérnica"¹². Enquanto escrevia este artigo, recebi um e-mail de um colega, que costumava trabalhar com história social da política estadunidense¹³, convidando-me a juntar-me a ele e a E. O. Wilson em um painel na próxima reunião da Associação Histórica Americana sobre "Biohistória". Entre as questões a serem discutidas estavam: "Por que historiadores/as têm tanto medo de Darwin?" E "Se a história é inteiramente 'construída', quais são os materiais de construção?" E esta questão que com certeza foi acrescentada tendo a mim em mente: "A admissão de tendências inatas na discussão da história significa que as mulheres serão consideradas inferiores?".

Aquelas/es de nós que pensavam que "gênero" ajudara a vencer as reivindicações sociobiológicas sobre a inevitável tradução da diferença anatômica em comportamento social, aquelas/es de nós que pensavam que o uso

generalizado do termo gênero era um indicador importante da aceitação de nossas opiniões, estamos surpresas/os ao ver a sociobiologia retornar triunfante agora como psicologia evolucionista. Estreitamente ligada às teorias evolutivas que impulsionam a neurobiologia e a biologia molecular - as ciências que, segundo nos dizem, deslocarão o reinado hegemônico da física no século XXI -, a psicologia evolucionista está em uma posição poderosa para fazer recuar, se não reverter, 100 anos de trabalho crítico feminista.

Como todas as previsões milenares (e como muitas fantasias), essa última afirmação é hiperbólica. Isso reduz seriamente um campo multiplamente contestado a uma luta maniqueísta em que o feminismo e o neodarwinismo se enfrentam pelo controle do significado futuro da diferença sexual. E isso nega as formas pelas quais os desenvolvimentos aleatórios e contingentes influenciam a história social humana e natural. Ainda assim, há um uso para tal pensamento: ele identifica questões que precisamos considerar e atuar sobre no presente, e isso acontece de forma urgente. A urgência pode ter o efeito de mobilizar as feministas para redobramos nossos esforços em recusar o determinismo biológico e pode nos levar a reavaliar criticamente as formas através das quais temos anunciado essa recusa. É esse segundo caminho que eu quero explorar hoje. Se, numa veia freudiana, podemos tomar um pesadelo para expressar um desejo - um muito horrível ou muito difícil de reconhecer como tal -, então se pode concluir que o que eu desejo argumentar (contra um consenso feminista bastante difundido - daí a dificuldade) é que o gênero pode não mais ser a categoria útil que era; não porque o inimigo tenha prevalecido, mas porque gênero não tem o poder de fazer o trabalho que precisamos que faça agora.

A fraqueza de gênero para contrariar as reivindicações extremas da psicologia evolucionista reside precisamente no que antes foi considerado como sua virtude: sua recusa em lidar com o sexo corporal. A distinção sexo/gênero (emprestada pelas feministas na década de 1960 de endocrinologistas e psicanalistas - John Money e Robert Stoller são nomes-chave nesta área) insistiu no fato de que os papéis sexuais eram invenções humanas, naturalizadas por sua referência a corpos físicos, mas não determinadas por eles. O objetivo foi estudar as formas em que a "construção social" ocorreu; documentar sua variedade e mutabilidade; expor suas operações como um sistema de poder e oferecer exemplos de alternativas ou resistências a prescrições normativas. Este foi um trabalho extremamente produtivo e não quero desautorizar nem subestimar a importância do seu impacto. (Tampouco quero me associar com os pontos de vista de CamillePaglia ou algumas/ns teóricas/os *queer* que sustentam que esta atenção ao gênero e a negligência do sexo constituíram uma forma de puritanismo feminista. Eu quero me associar - com mais força do que no passado - com o chamado "feminismo francês", sempre uma posição minoritária entre as feministas estadunidenses, mas que questionou os usos científicos sociais do "gênero" em nome da psicanálise. Essas feministas, ansiosas para enfatizar tanto a indeterminação das posições dos indivíduos sexuais quanto enfatizar as desigualdades de poder, preferiram falar sobre a diferença sexual e as "relações de força do sexo".) A distinção sexo/gênero, desenvolvida pela maioria das feministas estadunidenses tanto deixaram de lado quanto deixaram no lugar, como algo de alguma forma "natural" e, portanto, não questionado, os corpos sobre os quais essas construções estavam sendo levantadas. Como resultado, o sexo continuou a minar a clareza que o "gênero"

deveria fornecer. Aqui está a nota de uso na entrada para "gênero" no American Heritage Dictionary of the English Language (3d ed., 1992):

“Tradicionalmente, gênero foi usado principalmente para se referir às categorias gramaticais de "masculino", "feminino" e "neutro"; mas nos últimos anos, a palavra se tornou bem estabelecida em seu uso para se referir a categorias baseadas no sexo, como em frases como diferença de gênero (*gender gap*) e as políticas de gênero. Este uso é apoiado pela prática de muitos/as antropólogos/as, que reservam sexo para referência a categorias biológicas, enquanto usam gênero para se referir a categorias sociais ou culturais. De acordo com esta regra, uma pessoa diria que “A efetividade da medicação parece depender do sexo (não do gênero) do paciente”, mas “Nas sociedades camponesas, os papéis de gênero (e não sexo) são provavelmente definidos com maior evidência”. Esta distinção é útil, em princípio, mas não é amplamente observada, e uma variação considerável no uso ocorre em todos os níveis.”

A última frase aqui é crucial, tanto como um lembrete da inutilidade de insistir em usos linguísticos precisos e da dificuldade que as feministas tiveram ao separar as designações sociais de seus referentes físicos. Não importa quão insistentemente as teóricas feministas tenham refinado o termo gênero, elas não conseguiram prevenir sua corrupção. Na conversa popular, os termos sexo e gênero são usados com tanta frequência como sinônimos ou como opostos; na verdade, às vezes parece que gênero é simplesmente um eufemismo educado para sexo. E, tomando como base o número de livros e artigos acadêmicos que tomam sexo e mulheres como sinônimos, os/as acadêmicos/as não são muito melhores do que o público em geral ao manter a distinção entre o físico e o social que a introdução do gênero deveria atingir.

Eu acho que essa confusão dos dois termos é sintomática de uma série de problemas relacionados, todos decorrentes da forma como sexo/gênero replica as oposições natureza/cultura, corpo/mente. Em cada caso, "natureza" é considerada uma entidade fora ou apartada da consideração humana; é algo que devemos aprender a saber que não é criado pelo nosso conhecimento. Se o gênero é o uso que fazemos de nossos corpos, nossos próprios corpos não podem ser entendidos inteiramente em termos de construção social. O gênero, portanto, não substitui o sexo físico nas discussões sobre a diferença sexual; mas, no final, deixa o sexo em seu lugar como a explicação para a construção social. Quando o gênero depende do sexo desta maneira, nada pode impedir que ele seja identificado com (ou como) o próprio sexo. O que parece então ser confusão conceitual e terminológica é de fato uma representação precisa da interdependência dos dois termos: se o sexo não é inteiramente natural, nem o gênero é inteiramente social.

Outra razão pela qual foi difícil manter uma nítida distinção entre sexo e gênero tem a ver com os impulsos universalizantes do feminismo (um movimento político originário no Ocidente no momento das revoluções democráticas do século XVIII) e da ciência social (cujas origens são mais ou menos contemporâneas ao feminismo). Os impulsos universalizantes do feminismo e das ciências sociais operaram para produzir uma visão das mulheres (ao longo do tempo e das culturas) como fundamentalmente homogênea ao tomar como evidente a diferença fundamental de mulheres dos homens. Mesmo quando as diferenças nacionais e/ou culturais são reconhecidas, estas são tratadas como fenômenos de segunda ordem, variações de um tema universal em que o gênero sempre significa o mesmo: uma relação assimétrica, senão antagonista, entre mulheres e homens

que organiza as diferentes funções de cada um/a em atividades e espaços separados. Mas se gênero - o fato invariante da diferença sexual - é universal, o que, além da biologia, pode finalmente explicar sua universalidade? Se gênero significa as formas sociais impostas às diferenças físicas existentes entre mulheres e homens, então a natureza (corpos, sexo) é deixada no lugar como fator determinante da diferença. Se o estudo das mulheres conduz automaticamente à "análise de gênero", então uma forma de essencialismo está conduzindo a investigação: a presença de fêmeas fisicamente significa que um sistema de diferença - já conhecido por nós - está em vigor. Quando "gênero" assume a existência prévia de diferenças de sexo físico, de fato se torna sinônimo dessas diferenças, e então diferenças nítidas entre sexo e gênero são difíceis de sustentar. Além disso, a operação historicizante que o gênero deveria realizar no sexo é desfeita porque a biologia é entendida como não tendo uma história.

A fixidez da oposição masculino/feminino - sua falta de história - é, certamente, um axioma de psicólogos/as evolucionistas. Embora a palavra "evolução" pareça implicar mudança ao longo do tempo, na verdade (como Richard Lewontin e Joseph Fracchia salientam, na edição de História e Teoria a que me referi anteriormente), há toda a diferença do mundo neste discurso entre 'evolução' e 'história' - um se refere a um "processo legítimo de seleção e adaptação", o outro à contingência, especificidade contextual e historicidade¹⁴. Os/as psicólogos/as evolucionistas postulam um momento original quando o tempo parou para as espécies. Por isso, o psicólogo do MIT¹⁵, Steven Pinker (defendendo o presidente Clinton durante o escândalo envolvendo Monica Lewinsky) escreveu: "A maioria das pulsões humanas tem racionalidades darwinianas antigas [...] Um homem pré-histórico que dormiu com cinquenta mulheres poderia ter gerado cinquenta crianças e teria sido mais propenso a ter descendentes que herdassem seus gostos. Uma mulher que dormiu com cinquenta homens não teria mais descendentes do que uma mulher que dormiu com um. Assim, os homens deveriam (note como o tempo verbal muda, aqui, do passado condicional para o futuro imperativo) buscar quantidade em parceiros sexuais; mulheres, qualidade"¹⁶. O cenário fantasiado fixa traços humanos na antiga pré-história com aparente precisão científica, mas não leva em conta séculos de ambientes em mudança e as adaptações estratégicas que eles possam exigir. (É irônico - ou talvez inteiramente previsível - que essa insistência em atar o comportamento social/sexual dos homens aos imperativos reprodutivos vem em um momento em que as novas tecnologias ameçam tornar os homens - embora não seu esperma - desnecessários para os atos procriadores.)

Esta teoria da evolução que remove a atividade humana de seus contextos vinculados ao tempo, não foi adequadamente abordada por argumentos sobre "construções culturais" de gênero, pelo menos por duas razões¹⁷. À primeira delas eu já fiz alusão: enquanto ao gênero é dada uma história, ao sexo biológico não. A segunda está relacionada à primeira: teorias da construção cultural têm sido usadas pelas feministas para deslegitimar a ciência e, muitas vezes, para evitar o nosso engajamento com os aspectos do conhecimento biológico que possam proveitosamente historicizar o sexo anatômico. Analisamos a política dos discursos científicos que legitimaram as desigualdades sociais entre mulheres e homens e insistimos nas inadequações empíricas de certas descrições categóricas das mulheres, mas (com exceção de cientistas treinadas como Anne Fausto Sterling e Donna Haraway) não lutamos com a autoridade epistêmica da própria biologia¹⁸.

Donna Haraway observou há uma dúzia de anos que no esforço de "remover as mulheres da categoria da natureza e colocá-las na cultura como sujeitos sociais construídos e que se auto constroem na história, o conceito de gênero tende a ser colocado em quarentena, isolado das infecções do sexo biológico"¹⁹. Tendo descrito a ciência (com suas reivindicações de objetividade e de transparência da natureza) como "socialmente construída", de alguma forma, impugnou sua autoridade bem como a necessidade de lidar com ela, em seus próprios termos, como uma forma séria de conhecimento. À lista de oposições sexo/gênero, natureza/cultura, corpo/mente, foi adicionada a de ciência/feminismo. Toda a cadeia de associação abole a oposição usual masculino/feminino que posiciona a mente e a masculinidade contra o sexo e o feminino, mas outorga o sexo à ciência e coloca as mulheres fora desse campo²⁰. As feministas podem então denunciar o viés político das fortes reivindicações da psicologia evolucionista sobre as bases biológicas para o gênero, mas não podemos contestar a ciência concreta da genética evolutiva que a informa, nem encontrar nesse campo aquelas/es cujas pesquisas possam ajudar a articular uma posição diferente. Isso tem o efeito de abandono do próprio terreno em que precisamos trabalhar e de permitir que os modelos (fantasias?) do conhecimento científico sejam coerentes e unificados para representar o que é, de fato, um campo controverso e conflituoso²¹.

Ciência é uma forma de conhecimento, cuja organização também tem uma história - não uma história política estreitamente concebida (que trata a ciência como um simples reflexo do preconceito social) - mas uma história de conceitos conflitantes e princípios organizacionais que representam a natureza para nós. (No campo da biologia, por exemplo, há diferenças importantes - "guerras civis", de acordo com um relato - sobre o que vale como explicação científica)²². Se for esse o caso, pode ser que a confusão no uso comum de sexo e gênero pode ser considerada uma correção do "erro" que trata sexo e natureza como entidades transparentes fora da "cultura"; em vez disso, tanto gênero quanto sexo devem ser entendidos como sistemas de conhecimento complexamente relacionados. Obviamente, a conquista da oposição sexo/gênero foi precisamente para tratar o sexo anatômico como uma forma de conhecimento social, mas também super enfatizou as determinações sociais externas, negligenciando os aspectos autônomos da história das ideias científicas. (A genética, por exemplo, não pode ser reduzida a um reflexo da luta de classe ou de gênero no capitalismo tardio). Concordo com a neuropsicóloga Elizabeth Wilson que a atenção feminista ao gênero e um enfoque estreito sobre as mulheres impediu nosso envolvimento com as ciências biológicas, e eu concordo também que "o feminismo precisa enfrentar a autoridade científica, não apenas naqueles locais que tomam as mulheres como objetos, mas também nas zonas neutras, naqueles lugares onde o feminismo parece não ter lugar e nenhuma aquisição política.". Para ela, isso significa enfrentar não uma pesquisa sobre diferenças sexuais nas habilidades cognitivas, mas pesquisar sobre "a natureza da própria cognição"²³. Para lidar com a psicologia evolucionista, sua abordagem significaria, penso eu, argumentar menos sobre se todas as mulheres estão, ou não, relacionalmente inclinadas, e mais sobre como os corpos registram sua história. Ou pode significar recorrer à pesquisa "epigenética" de Shirley Tilghman, que insiste que a "expressão genética" é contextualmente e complexamente - isto é, em algum sentido, historicamente - determinada²⁴. Gênero não é uma categoria particularmente útil para pensar junto a estas linhas de análise.

Wilson encontra na psicologia "conexionista" as teorias dinâmicas da cognição que desafiam as noções simplistas do determinismo biológico. A função cerebral e a consciência, ela argumenta, são muito mais complexas do que podem ser explicadas por noções redutoras de programação genética. Em vez disso, ela aponta, a pesquisa mostra que os padrões cognitivos são estabelecidos de maneira diferente ao longo das histórias individuais. Elizabeth Grosz, numa veia mais utópica, sugere que o estudo do corpo pode fornecer algumas das munições que as feministas precisam: não é ainda mais interessante mostrar, não que o gênero possa estar em desacordo com o sexo [...], mas sim que existe uma instabilidade no próprio âmago do sexo e dos corpos, que aquilo que o corpo é capaz de fazer, e o que qualquer pessoa é capaz de fazer estão muito além da tolerância de qualquer cultura?²⁵

Se nisso alguns/mas de vocês ouvirem um eco daquelas últimas páginas enigmáticas da História da Sexualidade de Foucault, Volume I, penso que você está certo/a. Aquelas/es de nós que pretendemos combater o essencialismo em nome do gênero ponderamos ansiosamente sobre o significado dessas palavras de Foucault: não devemos pensar que ao dizer sim ao sexo, uma pessoa diz não ao poder [este foi o argumento contra a ideia de libertação sexual - o livro mostrou que o sexo não era uma força natural fora da história, mas um efeito de ideias sobre a sexualidade]. É da agência de sexo que devemos nos separar, se é nosso propósito – através de uma inversão tática dos vários mecanismos da sexualidade - combater o poder com as reivindicações de corpos, prazeres e conhecimentos, na sua multiplicidade e na sua possibilidade de resistência. A bandeira de união para o contra-ataque contra a implantação da sexualidade não deve ser sexo/desejo, mas corpos e prazeres²⁶. Agora entendo que Foucault não estava recorrendo a um corpo transparente fora de sua conceituação, mas a uma entidade material que Wilson considera "biocultural". "É o corpo como é vivido e como ele vive um conjunto específico de parâmetros bioculturais e biopsíquicos"²⁷. O objetivo da ciência feminista, para Wilson, é produzir conhecimento do corpo como interagindo e também excedendo as possibilidades dos parâmetros físicos dentro dos quais opera. Em sua opinião, o corpo é produzido por impressões contingentes (radicalmente individualizadas) que misturam respostas sensoriais e fantasias inconscientes (registradas neurologicamente) de maneiras que tornam absurdo tanto o determinismo genético quanto as separações mente/corpo.

É interessante, e provavelmente não surpreendente, que Wilson vincule seu trabalho à psicanálise, achando úteis para sua própria pesquisa neurologicamente orientada as tentativas da psicanálise de historicizar o corpo e recusar a oposição mente/corpo. (O Projeto para uma Psicologia Científica de Freud é particularmente importante para ela por esse motivo, mas também é uma linha antiga de teorização feminista associada à psicanálise e à desconstrução). Pode ser que minha própria atração por algumas teorias psicanalíticas seja uma resposta perversa aos recentes ataques feitos a elas (a controvérsia sobre a exposição de Freud é apenas a ponta do iceberg), mas também é o caso de que nada mais aborda questões sobre identidade sexual e comportamento sexual tão diretamente quanto a psicanálise. Eu acho, junto a Wilson, que é útil ter explicações do desenvolvimento humano que compreendam impulsos e desejos não como pressões inatas, mas como produtos de histórias individuais. Tome, por exemplo, a discussão de Freud em Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, sobre como o bebê amamentado chega a experienciar o sugar não só como meio

de satisfazer sua fome, mas também como fonte de prazer oral. Independentemente da necessidade de comida, a boca e os lábios se tornam zonas erógenas, motores do desejo corpóreo que precedem o pensamento consciente. Aquelas crianças para quem a sucção logo proporcionou grande satisfação sexual, escreveu Freud, podem, na vida adulta, "ser ávidas apreciadoras do beijo, [ou] tenderão a beijos perversos..."²⁸. O ponto (feito de forma diferente e com mais complexidade por Lacan) é que esses impulsos orais - como outros impulsos associados à visão, audição, órgãos genitais - não são puramente biológicas. A experiência física, lembrada inconscientemente, investe o corpo com significado além do que pode ser explicado por uma necessidade puramente física²⁹. Esse tipo de processo de desenvolvimento formativo (essa história individualizada) produz desejos que não se encaixam perfeitamente em comportamentos considerados masculinos ou femininos e que não podem ser lidos a partir da determinação genética. O processo continua à medida que os indivíduos se confrontam, se adaptam e resistem às regras e expectativas sociais historicamente específicas. Os indivíduos sexuados (com suas pulsões, desejos e corpos) que vivem esse processo, são produtos não exclusivamente de "gênero" nem de biologia.

Para Freud, o desafio foi analisar as interações entre variação individual e categorização social que os psicólogos evolutivos preferem ignorar. "Nos seres humanos", ele escreveu, "a masculinidade ou a feminilidade pura não são encontradas nem no sentido psicológico nem biológico. Todo indivíduo, ao contrário, mostra uma mistura dos traços característicos pertencentes ao seu sexo e ao sexo oposto; e ele mostra uma combinação de atividade e passividade, sejam ou não esses últimos traços característicos correspondentes com os seus traços biológicos"³⁰. (Este não é um relato freudiano da diferença sexual, mas uma tentativa de problematizar o que muitas vezes são consideradas como diferenças naturais entre os sexos.)³¹. Além disso, não há garantia de que as crianças se identificarão com o pai/mãe de acordo com seu sexo físico na jornada até a idade adulta. Em vez disso, um processo complexo de identificação marca a suposição individual de masculinidade ou feminilidade, e isso também resiste a correlações fáceis entre sexo anatômico e gênero socialmente construído, como Judith Butler (criticamente usando conceitos psicanalíticos para o estudo de identidades sexuadas), muito bem pontua: O que acontece (ela pergunta) quando as principais proibições contra o incesto produzem deslocamentos e substituições que não estão em conformidade com [modelos culturais de heterossexualidade]? [...] [A] mulher pode encontrar o resquício fantasmático de seu pai em outra mulher ou substituir seu desejo por sua mãe em um homem [...] [S]e um homem pode se identificar com sua mãe, e produzir o desejo a partir desta identificação [...] ele já confundiu a descrição psíquica do desenvolvimento estável de gênero. E se esse mesmo homem deseja outro homem, ou uma mulher, é o seu desejo homossexual, heterossexual ou mesmo lésbico?³²

Essas questões sobre a identidade individual e o papel da identificação fantasmática em assegurar isso assumem que as categorias 'homem' e 'mulher' são ideais estabelecidos para regular e canalizar o comportamento, não descrições empíricas de pessoas reais, que sempre ficarão aquém do cumprimento dos ideais. Elas assumem ainda que as instituições sociais e políticas oferecem a possibilidade e a pressão para cumprir ideais normativos de masculinidade e feminilidade. E que termos como "homem" e "mulher" são, como todos os significantes, significados que não são fixos e absolutos, mas estabelecidos diferencialmente em relação uns

com os outros. Historiadoras/es e antropólogas/os interessadas/os em identidades coletivas mostraram quão variáveis esses ideais normativos têm sido; como, por exemplo, os imperativos para casar e reproduzir dependeram de ideias sobre, digamos, a importância do parentesco para transmitir propriedade e poder, ou sobre como o tamanho da população se relaciona com a força de sociedades ou estados. Desnecessário dizer que as noções de masculinidade e feminilidade diferiram em diferentes "regimes reprodutivos"³³. O comportamento reprodutivo, em outras palavras, é dependente do contexto, assim como os corpos que se reproduzem - só complica a coisa toda, como elas devem ser complicadas, acrescentar que esses corpos, às vezes, se reproduzem sob coação psicológica, quando não física.

Não quero, neste artigo, elaborar uma resposta em grande escala aos pronunciamentos reducionistas da psicologia evolucionista. Meu objetivo era começar uma exploração dos limites do gênero como uma categoria analítica e a psicologia evolucionista forneceu uma via de exploração. Mas eu já me sentia desconfortável com o termo, mesmo antes de tomar consciência do ressurgimento da explicação biológica. Isso ocorreu porque gênero parecia ter se tornado rotineiro, contribuindo para, ao invés de inquietar, a estabilidade da oposição homem/mulher. Cansei de me encontrar citada em livros e artigos que simplesmente tomavam como pressuposta a transparência das diferenças físicas entre os sexos, que elevaram o gênero ao status de uma teoria, quando na verdade ele serviu apenas como sinônimo para as categorias não questionadas de 'mulheres' e 'homens'. Meu próprio uso de gênero dependia (ainda depende) do que foi chamado de "virada linguística"; fiquei consternada ao ver essa teoria evacuada pela tematização do "gênero".

Isso não é negar que o termo já foi extremamente útil. Nos anos 70 e 80 - o auge da adoção do gênero pelo feminismo - os limites de gênero eram evidentes para algumas críticas (Donna Haraway nos EUA, Luce Irigaray na França - para citar apenas duas), mas o conceito ainda fez parte de importantes trabalhos teóricos e políticos. Ele nos permitiu separar a biologia da cultura (prejudicialmente em longo prazo, talvez, mas proveitosamente naquele momento), concordar com Simone de Beauvoir (contra a ciência social funcionalista) que "ninguém nasce mulher" e justificar a mudança nas relações entre os sexos como um aspecto não de engenharia social perigosa, mas de processo histórico. Além disso, a palavra gênero em si era dissonante - transpondo um conceito gramatical (mesmo que proveniente do discurso médico) para a arena da identidade social e sexual humana. Não sei quantos polidos acadêmicos mais antigos expressaram grande perturbação (e certo prazer malicioso) ao terem conseguido me pegar usando o termo incorretamente. "Não é essa uma referência gramatical?" eles perguntariam educadamente, ao final de uma conferência³⁴. Mas a questão me deu a chance de explicar o que eu estava fazendo e questionar toda uma visão de mundo que negava às mulheres (e às relações entre mulheres e homens) uma história. Havia uma deliciosa travessura, também, no uso de um termo gramatical para falar sobre diferenças sexuais. Na gramática, o gênero é entendido como uma maneira de classificar fenômenos, um sistema de distinções socialmente acordado e não uma descrição objetiva de traços inerentes. Este era exatamente o ponto de usar o gênero em vez do sexo em nossas discussões sobre os papéis e comportamentos de homens e mulheres - eles não eram naturais, mas atribuídos ou designados. (E houve, também, a possibilidade de questionar presunções heterossexuais abertas

pelo fato de que, em algumas línguas indo-europeias, o gênero não envolve duas, mas três categorias: masculino, feminino e neutro).

Na história e nas ciências sociais, o gênero apontou o caminho para o que poderia ser chamado de estudos sociais da diferença sexual. Perguntamos em quais condições os diferentes papéis e funções foram definidos para cada sexo; como as normas regulatórias de comportamento sexual foram criadas e aplicadas, como as questões de poder e direitos afetaram as definições de masculinidade e feminilidade, como as estruturas simbólicas afetaram as vidas e as práticas das pessoas comuns, como as identidades sexuais foram forjadas dentro e contra as prescrições sociais. No contexto da epidemia de AIDS e com a intervenção explosiva de teóricos/as *queer*, a visão que o feminismo psicanalítico já mantinha há tempos obteve maior proeminência: a heterossexualidade em si mesma foi redefinida como um sistema normativo, e não natural. Havia uma sensação inebriante de que estávamos endereçando nossa própria situação, ao desmascarar o "gênero" como uma relação de poder; neste sentido, estávamos praticando o que Michel Foucault chamou de "história do presente" em nossas análises do passado. E houve uma grande quantidade de novas informações empíricas produzidas sobre muitas variedades de práticas sociais e culturais. Mesmo as tensões entre as feministas sobre historicizar ou não as categorias homens e mulheres foram frutíferas por um tempo, porque nos permitiram debater as implicações políticas de um projeto historicizante radical. A tentativa de Denise Riley de produzir uma genealogia foucaultiana de "mulheres" inevitavelmente minava o projeto político feminista (como Tania Modleski argumentou que seria em *Feminism without Women*³⁵), ou levava a nossa crítica ao essencialismo à sua conclusão derradeira?³⁶ Havia um sujeito feminino estável cuja história poderíamos contar apesar dos diferentes contextos dentro dos quais ela vivia? Estávamos produzindo esse assunto através da nossa pesquisa e escrita, ou ela preexistiu ao nosso interesse nela? Quando o gênero foi tomado como uma questão aberta sobre as formas como a diferença sexual foi concebida, ele serviu como uma categoria provocativa de análise social, cultural e histórica. Além disso, gênero permitiu que as feministas participassem de um discurso construtivista mais amplo que desafiava a predominância do estruturalismo e do funcionalismo nas ciências biológicas e sociais.

Eu acho que isso não funciona mais desse jeito, pelo menos não nos Estados Unidos, onde a crescente proeminência da neurobiologia, microbiologia e da tecnologia da informação, a excitação sobre o projeto do Genoma Humano, e a busca de explicações genéticas para todas as condições físicas e sociais criou fortes desafios ao construtivismo – pelo menos a noções simples de que esse tipo de ciência é apenas "social" e que sua substância pode ser descartada por este motivo. À medida que a discussão se estende ao sexo biológico (existe um gene para a homossexualidade? Os hormônios femininos e a cirurgia reconstrutiva tornam os homens que eram agressivos mais bonzinhos - como Donald/Deirdre McCloskey sustenta?³⁷ Doenças são relacionadas ao sexo?) e o corpo assoma como um fator causal, argumentos construtivistas – ao menos das maneiras que nós os utilizamos para insistir nas origens esmagadoramente sociais e estritamente políticas do conhecimento científico - parecem fracos.

(Gênero ainda pode fornecer um cunho crítico em outros países, onde houve menos incursões feministas na política e na academia, particularmente onde não há tradução exata para a palavra. Como uma importação estrangeira, muitas vezes

deixada sem tradução, gênero serve como um ponto de contestação para toda uma série de questões (sobre causalidade biológica e cultural no campo da diferença sexual, bem como sobre a influência teórica Ocidental) entre feministas e entre feministas e suas aliadas/os e/ou inimigas/os³⁸. Mas, em sua maior parte, gênero adquiriu exatamente esse fascínio da neutralidade científica social que pretende distingui-lo do projeto de feminismo politicamente comprometido e que garante sua respeitabilidade acadêmica. Tornou-se uma maneira de tomar (ou não tomar) uma posição sobre a questão do feminismo, que é o termo contestado nos dias de hoje. Gênero pode ser um meio de distinguir o trabalho de alguém de uma demanda especial associada com o feminismo, ou pode servir para disfarçar os objetivos feministas explícitos de projetos acadêmicos - em ambos os casos, é o feminismo, e não "gênero", que está em questão. Mesmo conforme os programas de "estudos de gênero" proliferam em muitos lugares, notadamente nos países do antigo bloco soviético, eu argumentaria que o "feminismo" substituiu o "gênero" por uma incitação à controvérsia internacional. O feminismo é uma importação Ocidental? Um movimento internacional? Quem são as mulheres que formam o seu círculo político? Existe um terreno comum para os movimentos de mulheres do mundo? O feminismo é um fenômeno global ou local? Quem fala em nome das mulheres? Estas são, no momento, questões de debate intenso em muitos países e nas fronteiras de estados-nação, movimentos religiosos e organizações de direitos humanos. Gênero não coloca uma controvérsia comparável.)³⁹.

O foro contencioso da política internacional feminista fornece uma ilustração, desde outra perspectiva, das forças anteriores e das fraquezas atuais do gênero como uma categoria de intervenção crítica nos debates políticos e acadêmicos. "Gênero" foi um termo controverso na Quarta Conferência Mundial das Nações Unidas sobre as Mulheres, realizada em Pequim no outono de 1995. Nas semanas anteriores à reunião convocada, um subcomitê da Câmara dos Deputados dos EUA realizou audiências em que deputados/as republicanos/as e delegados/as de grupos de direito à vida apontaram as implicações subversivas do "gênero" e instaram o Congresso a não financiar a delegação oficial, que deveria ser liderada pela primeira-dama Hillary Rodham Clinton. Os/as palestrantes alertaram que a moral e os valores familiares foram atacados por aquelas/es que acreditavam que poderia haver até cinco gêneros (homens, mulheres, homossexuais, bissexuais e transexuais). (Aqui está um exemplo da confusão do gênero e do sexo-comportamento sexual e da identidade sexuada confundida com papéis sociais e descrições biológicas.) Eles também alertaram que o programa da ONU para a Conferência de Pequim foi sequestrado por "feministas de gênero, que acreditam que tudo o que pensamos como natural, incluindo o ser homem e o ser mulher, a feminilidade e a masculinidade, a maternidade e a paternidade, a heterossexualidade, o casamento e a família, são apenas "embarços" criados culturalmente, originados pelos homens para oprimir as mulheres. Essas feministas professam que tais papéis foram socialmente construídos e, portanto, estão sujeitos a mudanças"⁴⁰. Na ONU, a controvérsia era tal que a Comissão sobre o Status da Mulher havia estabelecido anteriormente um grupo de contato para buscar um acordo sobre "o significado comumente entendido de 'gênero'" e transmitir suas conclusões "diretamente para a conferência em Pequim". Desacordo entre aquelas que insistiam em uma definição estritamente biológica e aquelas que queriam se referir aos "papéis socialmente construtivos [sic] de homens e mulheres"⁴¹ levou a uma resolução inteiramente não informativa, que,

no entanto, foi oferecida como apêndice ao Programa de Ação da conferência. A Declaração sobre o Significado Comum do Termo 'Gênero' diz o seguinte: Tendo considerado a questão detalhadamente, o grupo de contato observou que (1) a palavra "gênero" tem sido comumente usada e compreendida em seu uso ordinário, geralmente aceito em inúmeros outros fóruns e conferências das Nações Unidas; (2) não havia nenhuma indicação de que qualquer novo significado ou conotação do termo, diferente do uso anterior aceito, fosse pretendido na Plataforma de Ação... Consequentemente, o grupo de contato reafirmou que a palavra "gênero", como usada na Plataforma de Ação, se pretendia ser interpretada e entendida como era no uso comum e geralmente aceito⁴².

O que é impressionante sobre essa tentativa de elucidação é que não há nenhuma explicação do "uso geralmente aceito". Era como se o significado fosse auto evidente, livre de ambiguidade e de toda possível interpretação errada. A redação da afirmação, evidentemente, tenta resolver a polêmica ao negar sua existência. Ainda assim, algumas participantes na conferência se sentiram pressionadas a explicar sua compreensão do termo. A pessoa representante da Guatemala, por exemplo, escreveu que "em conformidade com os critérios éticos, morais, legais, culturais e naturais do povo guatemalteco, a Guatemala interpreta o conceito de gênero exclusivamente como gênero feminino e masculino em referência a mulheres e homens"⁴³. Uma declaração semelhante veio do Paraguai. O Peru levou as coisas além, antecipando as perigosas implicações que "gênero" parecia ter ao insistir em que "os direitos sexuais se referem unicamente às relações heterossexuais"⁴⁴. E a pessoa representante do Vaticano interpretou o significado comum do "gênero" como "fundamentado na identidade sexual biológica, masculina ou feminina.". "A Santa Sé exclui interpretações duvidosas baseadas em visões do mundo que afirmam que a identidade sexual pode ser adaptada indefinidamente para atender a novos e diferentes propósitos". Não que a biologia determinasse os papéis sexuais de forma estática. O Papa foi a favor de "certa diversidade de papéis [...] desde que essa diversidade não seja o resultado de uma imposição arbitrária, mas é mais uma expressão do que é específico em ser macho e fêmea"⁴⁵. (Em outras palavras, a homossexualidade não era natural e não podia ser encorajada por "gênero").

Por um lado, essa onda de objeção atesta o potencial radical do "gênero" para desnaturalizar o sexo, relativizando-o e historicizando-o (e contradiz minhas afirmações anteriores sobre os limites da análise de gênero). Os porta-vozes católicos reconheceram nitidamente o perigo para o dogma religioso representado pelo argumento (feito por teóricas/os como Judith Butler - quem, muito para seu deleite e de suas/seus amigas/os e admiradoras/es, foi especificamente mencionada pelo Papa como uma antagonista, nos dias anteriores a Pequim) de que o sexo era um efeito do gênero e que não havia correlação necessária entre os corpos físicos, os papéis sociais e o comportamento sexual. Por outro lado, as feministas poderiam ridicularizar a fantasia dos cinco gêneros, mas não tinham fortes refutações para a afirmação de que a espécie humana consistia apenas em mulheres e homens. Mais revelador, talvez, fosse o fato de que o relatório final de Pequim e a declaração sobre "uso comum" mostram que a ansiedade de Roma estava fora de lugar. Como dizia o verbete do *American Heritage Dictionary* sobre "gênero", gênero tornou-se apenas outra maneira de se referir a mulheres e homens. No relatório, "igualdade de gênero" significa igualdade entre mulheres e homens; "equilíbrio de gênero" é representação justa para cada sexo; "consciência

de gênero" (que supostamente deve informar todas as decisões políticas) significa uma consciência de como as políticas podem afetar as mulheres e os homens de maneira diferente. A Conferência convida os governos e as ONGs a "integrar uma perspectiva de gênero em todas as políticas e programas, para que antes das decisões serem tomadas, uma análise possa ser feita sobre seus efeitos sobre mulheres e homens, respectivamente"⁴⁶. Isso significa que, em sua maior parte, estatísticas e projeções estatísticas devem ser desagregadas por sexo. As 200 ou mais menções de "gênero" no Programa de Ação de Pequim são muitas vezes simplesmente substituídas da palavra "mulheres". "Gênero" também indica - de modo importante - a crença na possibilidade de que os papéis das mulheres possam ser drasticamente alterados para melhor e que alguma medida de igualdade entre os sexos possa ser alcançada. É uma maneira discreta de endossar aspectos da agenda feminista igualitária.

No entanto, o uso do termo "gênero", enquanto sinalizava uma abertura para mudar alguns papéis tradicionais de mulheres e homens, não possuía nenhuma das qualidades subversivas tão temidas pelos seus críticos. No uso comum, "gênero" tornou-se sinônimo das diferenças entre os sexos, ambas atribuídas como "naturais". Penso que essa contenção das possibilidades subversivas de gênero foi em parte apenas o resultado do triunfo das forças conservadoras em Pequim (e em outros lugares); também foi um efeito da própria distinção sexo/gênero, que tende a ratificar implicitamente um discurso biológico que enfatiza a ahistoricidade dos corpos físicos. (E que não contesta o essencialismo que teria sexo ao determinar gênero). Esta é uma limitação severa em um momento em que, sob a confluência de muitos fatores que vão desde o poderoso impacto dos movimentos gays e lésbicos até a proeminência da teoria evolucionista nos campos dos estudos cognitivos e da microbiologia -, o sexo e a diferença sexual tornam-se o foco de intensa discussão política e científica.

À medida que os anos 1990 chegam ao fim, os limites do gênero me parecem cada vez mais evidentes. Nos Estados Unidos (e nas Nações Unidas), gênero tornou-se um aspecto do uso comum, rotineiramente oferecido como sinônimo de mulheres, de diferenças entre os sexos, de sexo. Às vezes, denota as regras sociais impostas aos homens e às mulheres, mas frequentemente não se refere ao conhecimento que organiza nossas percepções da natureza. Os livros que pretendem oferecer uma "análise de gênero" são tipicamente estudos bastante previsíveis de mulheres, ou (como o Programa de Ação da Conferência de Pequim) estudos de diferenças no status, experiência e possibilidades abertas para mulheres e homens. Mas eles raramente examinam como os significados de "mulheres" e "homens" são estabelecidos discursivamente, que contradições perturbam esses significados, o que os termos excluem; quais variações de "ser mulher" experimentadas subjetivamente foram evidentes em diferentes regimes normativos de gênero; quais são os relacionamentos - se houver - entre as compreensões científicas atuais da cognição ou evolução e a diferença sexual. Na verdade, muitas estudiosas feministas que usam o termo gênero, o fazem rejeitando explicitamente a premissa de que "homens" e "mulheres" são categorias historicamente variáveis. Isso teve o efeito de reificar a oposição homem/mulher como fundacional e fundamental (de aceitar os termos da psicologia evolucionista) e, portanto, negar ao gênero suas antigas agências acadêmica e política radicais.

Por essa razão, me encontro cada vez menos usando "gênero" no meu trabalho e falando, no lugar, de diferença sexual (um termo que não presume diferenças fixas, mas estuda as operações da diferença) e sobre sexo biológico como um conceito historicamente variável. Isso não resolve o problema que descrevi, já que corre o risco de ser ouvido (especialmente no atual contexto discursivo) como um aval da ideia de que o sexo é um fato natural. Ainda assim, parece-me necessário procurar em outros lugares por termos e teorias que irão perturbar o que se tornou de costume na história em geral e na história das mulheres em particular. Não estou discutindo que apaguemos o gênero e as noções úteis a ele associadas do nosso vocabulário. Também não penso que a gente deve policiar usos do termo para que nosso significado seja o único a prevalecer. Essa não é apenas uma tarefa impossível, mas que nega a flexibilidade e a mobilidade da linguagem, seu papel crucial como uma agência de mudança. Em vez disso, acho que precisamos seguir em frente, para provocar um repensar do que se tornaram nossos pressupostos rotineiros. É precisamente quando pensamos que sabemos o que um termo significa, quando o uso é tão comumente acordado que esse significado não precisa mais ser disputado ou fornecido, que são necessárias novas palavras e novos conceitos, ou talvez redistribuições e reformulações de ideias existentes.

O ponto da investigação feminista - e para mim o seu contínuo apelo - sempre foi sua recusa em acomodar o status quo. O feminismo historicamente resistiu à consolidação de "mulheres" em categorias homogêneas, mesmo ao lançar apelos políticos em nome de "mulheres". Embora essa tensão tenha perturbado aqueles que buscavam a segurança de uma identidade fixa, também foi a fonte das intervenções políticas mais criativas do feminismo. Quando mais efetivo, o feminismo causa consternação ao apontar as contradições e inconsistências nas sociedades que afirmam proporcionar igualdade e justiça para todas as pessoas. Na verdade, é porque suas reivindicações surpreenderam as ortodoxias predominantes, porque recusaram ou reformularam "usos geralmente aceitos" que as feministas puderam chamar a atenção para sua causa⁴⁷. Conforme gênero se tornou uma palavra associada a certa ortodoxia feminista, bem como com o "uso ordinário", é hora de refletir sobre seus limites, tempo para buscar reconceituar o problema do sexo e das diferenças sexuais que permitirão que investigações feministas revigorem sua pesquisa, continuando também a desempenhar seu papel tradicionalmente provocador e disruptivo⁴⁸.

Millennial Fantasies: The Future of "Gender" in the 21st Century

ABSTRACT

Is gender still "a useful category" of analysis? The article suggests it may have lost its critical edge. Not only has gender become a banal way of characterizing the difference between the sexes, it has also sometimes prevented feminists from attending to the serious questions posed by new biological and psychological research. The author does not suggest that we erase gender and the useful notions associated with it from our vocabulary, which constitutes not only an impossible task, but one that denies the flexibility and mobility of language and its crucial role as an agency of change. Rather, the article argues that feminists need to move on, seeking new words and new concepts, or perhaps redeployments and reformulations of existing ideas.

KEYWORDS: Gender. Feminism. Evolutionary biology. Social construction. Sexual difference.

Fantasías del Milenio: El Futuro del "Género" en el Siglo 21

RESUMEN

¿El género sigue siendo "una categoría útil" de análisis? El artículo sugiere que puede haber perdido su propósito crítico. El género no sólo se ha convertido en una forma banal de caracterizar la diferencia entre los sexos, pero también ha impedido a las feministas de atender a las serias cuestiones planteadas por nuevas investigaciones biológicas y psicológicas. La autora no sugiere que apaguemos el género y las nociones útiles asociadas a él de nuestro vocabulario, lo que constituye no sólo una tarea imposible, sino que niega la flexibilidad y la movilidad del lenguaje y su papel crucial como agencia de cambio. En vez de eso, el artículo argumenta que las feministas necesitan seguir adelante, buscando nuevas palabras y nuevos conceptos, o tal vez redistribuciones y reformulaciones de ideas existentes.

PALABRAS CLAVE: Género. Feminismo. Biología evolutiva. Construcción social. diferencia sexual.

NOTAS

¹Tradução de "SCOTT, Joan W. Millennial Fantasies: The Future of "Gender" in the 21st Century. Paper presented on May 6. In: 2000 at the seminar "Production of the Past", Columbia University. –New York.–P. 2000. p. 11-17".

²[N. da T.: Na língua inglesa, há um pronome pessoal de gênero neutro (*it*), o uso do plural costuma ser neutro, bem como os adjetivos. Na tradução, prefiro explicitar ambos os gêneros da palavra, quando isso não ocorre, há uma intencionalidade em se demarcar o masculino ou o feminino. É importante explicitar que essa é uma escolha minha, não da autora.]

³Gayle Rubin, "The Traffic in Women: Notes on the 'Political Economy' of Sex," in Rayna Rapp, ed. *Toward an Anthropology of Women* (New York: Monthly Review Press, 1975), 157-210. [N.de T. Referência dos livros, artigos e textos mencionados que têm tradução disponível em português serão citados em colchetes: RUBIN, Gayle. "O tráfico de mulheres: notas sobre a economia política dos sexos." *Recife: SOS corpo* (1993).]

⁴[N. da T.: A Linha Maginot foi uma linha de construção de fortes de defesa construída pela França em suas fronteiras com Alemanha e Itália, após a Primeira Guerra Mundial. Em termos arquitetônicos, a Linha Maginot não se estendeu ao Mar do Norte, além de alguns segmentos não terem sido suficientemente fortalecidos, de modo que não evitou a derrota francesa na Segunda Guerra Mundial. O uso metafórico de Linha Maginot refere-se à confiança na defesa de algo, embora seja ineficiente.]

⁵GEDDES, Patrick Geddes; THOMPSON, J. Arthur Thompson, *The Evolution of Sex* (London: 1889; New York: 1890), citado em CONWAY, Jill, "Stereotypes of Femininity in a Theory of Evolution," em Martha Vicinus, ed. *Suffer and Be Still: Women in the Victorian Age* (Bloomington, Indiana: Indiana University Press, 1972), 144-46.

⁶WRIGHT, Robert. *The Moral Animal*, citado por GOULD, Stephen Jay. "Evolution: the Pleasures of Pluralism". *New York Review of Books* (26 de Junho de 1997):51.

⁷GOODE, Erica. What provokes a rapist to rape?. *The New York Times*, *katern*, 8, 9-11, 15 de janeiro de 2000.

⁸Publicidade para BROWNE, Kingsley. *Divided labours: An evolutionary view of women at work*. New Haven: Yale University Press, 2000.

⁹Um exemplo recente é FISHER, Helen. *The First Sex*. New York: Random House, 1999. [FISHER, Helen. *O Primeiro Sexo. Como as mulheres estão a mudar o mundo*. Lisboa: Editoria Presença, 2001].

¹⁰Citação em SCHWARTZ, James. Oh My Darwin! Who's the Fittest Evolutionary Thinker of Them All? *Lingua Franca*: November, 1999:20.

¹¹SHAW, David Gary. "The return of science." *History and theory* 38, no. 4, p. 1-9. (1999).

¹²DAWSON, Doyne. "Evolutionary Theory and Group Selection: The Question of Warfare". *HistoryandTheory*, n. 38. (December, 1999):100.

¹³[N.da T.: usar estadunidense na tradução foi uma escolha política minha. A autora todas as vezes utiliza “American” ou “Americans”, que significam “Americano/a” ou “Americanos/as”, embora referindo-se apenas aos Estados Unidos.].

¹⁴“As diferenças entre essas duas perspectivas são incomensuráveis, não por limites disciplinares, mas porque envolvem diferentes concepções sobre a natureza da investigação 'científica', diferentes pressupostos ontológicos e epistemológicos e, conseqüentemente, diferentes modos de explicação”. Joseph Fraccia e Richard Lewontin, “Does Culture Evolve?” *History and Theory*, op. cit., p.58. Para uma crítica alargada das premissas da psicologia evolutiva, veja Lewontin, *Not in Our Genes* (New York: Pantheon, 1984). Veja também John Dupre, *The Disorder of Things: Metaphysical Foundations of the Disunity of Science* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1993), and Dupre, “Scientism, Sexism, and Sociobiology: One More Link in the Chain,” *Behavioral and Brain Sciences* 16:2 (1993): 292.

¹⁵[N. da T. MIT: Massachusetts Institute of Technology, é o Instituto de Tecnologia de Massachusetts]

¹⁶Steven Pinker, “Boys will be Boys,” *The New Yorker*. (9 February 1998):. Para uma crítica a Pinker, veja John Dupre's “Book Review” of Pinker's *How the Mind Works*, in *Philosophy of Science* 66. (September 1999): 489-493. Veja também Kenan Malik, “Darwinian Fallacy,” *Prospect*. (December 1998): 24-30, and Terrence W. Deacon, *The Symbolic Species: the Co-evolution of Language and the Brain* (New York: Norton, 1997).

¹⁷A crítica da teoria evolutiva feita por Clifford Geertz em nome das especificidades culturais não informou muito do trabalho realizado sob a égide do gênero, com a notável exceção de alguns antropólogos e historiadores da ciência. Ver Geertz, “The Impact of the Concept of Culture on the Concept of Man,” e “The Growth of Culture and the Evolution of Mind,” em seu “*The Interpretation of Cultures*, capítulos 2 e 3. (N.Y.: Basic Books, 1973). [N.da T.: GEERTZ, Clifford. O impacto do Conceito de Cultura sobre o Conceito de Homem” e “Crescimento da cultura e evolução da mente”. Em: *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.]. Ver também, Michelle Z. Rosaldo.

¹⁸Anne Fausto Sterling, *Myths of Gender: Biological Theories about Women and Men* (N.Y. Basic Books, 1985) e *Sexing the Body: Gender Politics and the Construction of Sexuality*, Basic Books, 2000); Donna Haraway, *Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature* (N.Y. : Routledge, 1991).

¹⁹Donna Haraway, “'Gender' for a Marxist Dictionary: The Sexual Politics of a Word,” in *Simians, Cyborgs, and Woman: The Reinvention of Nature* (New York: Routledge, 1991). [N. da T.: HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos pagu*, n. 22, p. 201-246, 2004.].

²⁰Elizabeth A. Wilson, *Neural Geographies: Feminism and the Microstructure of Cognition* (New York: Routledge, 1998).

²¹No modo em que a fantasia impõe coerência a fenômenos outrora caóticos, ver Slavoj Žižek, *The Plague of Fantasies* (London: Verso, 1997).

²²Fracchia and Lewontin, op. cit., p. 59

²³Wilson, op. cit., pp. 18-19.

²⁴Vertambém, Suzanne L. Rutherford and Susan Lindquist, "Hsp90 as a Capacitor for Morphological Evolution," *Nature* 396. (26 November 1998): 336-342. As autoras argumentam que, no caso da drosófila que estudaram, há uma "relação complexa entre a expressão do traço e os tipos genéticos que o produzem". Vários fatores ambientais criam condições específicas que levam a efeitos "surpreendentes": a expressão de "variação genética não expressada", que se pensava que não existia. Vertambém Elizabeth E. Lyons, "Breeding System Evolution in *Leavenworthia*.II. Genetic and Nongenetic Parental Effects on Reproductive Success in Selfing and More Outcrossing Populations of *Leavenworthiacrassa*," *The American Naturalist* 147. (1996): 65-85.

²⁵Elizabeth Grosz, "Experimental desire: Rethinking Queer Subjectivity," in Joan Copjec, ed., *Supposing the Subject* (London: Verso, 1994), 140.

²⁶Michel Foucault, *The History of Sexuality, Vol. I*, trans. Robert Hurley (New York: Random House, 1980), 157. [N. da T.: FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade, volume I, A vontade de saber*. RJ: Graal, 1988.].

²⁷Wilson, op. cit., p. 64.

²⁸Sigmund Freud, *Three Essays on the Theory of Sexuality*, trans. James Strachey (New York: Basic Books, 1962), 48. [N. da T.: FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905); tradução Paulo César de Souza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016].

²⁹Jacques Lacan, *The Four Fundamental Concepts of Psycho-Analysis*, editado por Jacques-Alain Miller, traduzido por Alan Sheridan (New York: Norton, 1977). [N. da T.: LACAN, Jacques. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.]. Vertambém: Charles Shepherdson, *Vital Signs: Nature, Culture, Psychoanalysis* (New York: Routledge, 2000), 85-113.

³⁰Sigmund Freud, op. cit., pp. 85-86, n. 1.

³¹Agradeço a Debra Keates por esse ponto.

³²Judith Butler, *Bodies that Matter: On the Discursive Limits of 'Sex'* (New York: Routledge, 1993), 99. [N. da T.: BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"*. Em: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999].

³³Exemplos de trabalhos históricos e antropológicos são: Sherry Ortner e Harriet Whitehead, eds. *Sexual Meanings* (Cambridge: Cambridge University Press, 1991) e John D'Emilio e Estelle Freedman, *Intimate Matters* (New York: Harper and Row, 1988).

³⁴O atual manual de uso do NY Times ainda enfatiza que o gênero é principalmente uma referência gramatical, embora admita os novos significados que a palavra adquiriu em contextos sociais e políticos e em expressões idiomáticas como "a diferença de gênero" ("*thegender gap*"). Além disso, o gênero pode ser usado "para evitar confusão com o sexo físico ou para evitar dois significados". Mas a experiência de alguns escritores do Times sugere que os editores de cópias preferem o sexo ao gênero sempre que os corpos são o assunto em discussão.

³⁵[N. da T.: Feminismo sem Mulheres, em português].

³⁶Denise Riley, 'Am I That Name?' Feminism and the Category of 'Women' in History (London: Macmillan, 1988); Tania Modeleski, Feminism Without Women: Culture and Criticism in a 'Postfeminist' Age (New York: Routledge, 1991).

³⁷Deidre McCloskey, Crossing (Chicago: Chicago University Press, 1999).

³⁸Dizem-me que o termo hebraico para gênero usado em Israel hoje é "migdar". De acordo com a antropóloga MosheShokeid, a palavra soa como "o termo em inglês e sua raiz é provavelmente em "gader", uma parede divisória, uma cerca ou uma divisão" - um limite artificial. Sou grata a Shokeid pela referência.

³⁹Para ter um pouco do sabor de algumas dessas controvérsias, ver Joan W. Scott, Cora Kaplan, eDebraKeates, eds. Transitions, Environments, Translations: Feminism in International Politics (New York: Routledge, 1997).

⁴⁰U.S. House of Representatives. 104th Congress, First Session. Committee on International Relations. United Nations Fourth World Conference on Women" Hearings Before the Subcommittee on International Operations and Human Rights, July 18 and August 2, 1995. (Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 1996), 43.

⁴¹Ibid, p. 107.

⁴²United Nations Commission on the Status of Women. Report of the United Nations 14 Conference on Human Settlements (Habitat II), Istanbul, 3-14 June 1996. Annex V: Statement on the Commonly Understood Meaning of the Term 'Gender.' Disponível em: <https://www.un.org/ruleoflaw/wp-content/uploads/2015/10/istanbul-declaration.pdf>.

⁴³United Nations. Report of the Fourth World Conference on Women, Beijing, 4-15 September 1995. Chapter V, section 10(b), iii. Disponível em: <https://www.un.org/womenwatch/daw/beijing/pdf/Beijing%20full%20report%20OE.pdf>. [N. da T.: ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração e Plataforma de Ação da IV Conferência Mundial sobre a Mulher. Pequim, 1995. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2014/02/declaracao_pequim.pdf.]

⁴⁴Ibid. section 25, iii.

⁴⁵Ibid, section II, "Statement of interpretation of the term 'gender.'".

⁴⁶Ibid, chapter IV, D, section 123.

⁴⁷Joan Wallach Scott, Only Paradoxes to offer: French Feminists Claim the Rights of Man (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1996).

AGRADECIMENTOS

Sou grata pelas leituras críticas feitas por Mary Louise Roberts, DebraKeates e Elizabeth Weed, e a Carol Lasser, Sandy Zagarell, RosiBraidotti e Tony Scott por suas sugestões úteis.

Recebido: 11 jun. 2019.

Aprovado: 13 jun. 2019.

DOI: 10.3895/cgt.v12n39.10231

Como citar:

SCOTT, Joan Wallach. Fantasias do Milênio: O Futuro do “Gênero” no Século 21. Tradução de: SILVA, Flavia Costa Cohim. *Cad. Gên. Tecnol.*, Curitiba, v.12, n. 39, p. 319-339, jan./jun. 2019.

Correspondência:

Flávia Costa Cohim Silva. Rua Professor Carlos Ott, 11, Stella Mares, Salvador, Bahia, Brasil. CEP- 41600-665.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

